

O progresso resume-se na exteriorização da ideia. Exteriorizar a ideia é passar do mundo subjectivo para o das formas, da inteligência para a realidade objectiva, dos princípios para as aplicações, da teoria para os factos. Progredir é caminhar para a perfeição; o progresso exprime, pois, aperfeiçoamento. Este aperfeiçoamento refere-se às formas dos princípios absolutos da razão, que são a base de toda a ciência. Quanto mais estreitas forem as relações entre as aplicações e os princípios, tanto maior será o grau de perfeição atingido; como, porém, a perfeição absoluta da razão nunca pode ser atingida, por mais aturados e enérgicos que sejam os trabalhos da Humanidade, é necessário concluir que as raízes do progresso são indefinidas.

Na política, na ciência e na arte a revolução, em última análise, exprime sempre a substituição ou modificação de formas e nunca de princípios. Os princípios são absolutos e imutáveis; suas aplicações é que podem variar. As transformações diversas e sucessivas por que a Humanidade tem passado, traduzem unicamente tentativas de aperfeiçoar os modos de aplicar a ideia, e nunca modificação desta. Modificar a ideia corresponderia a modificar a razão. Dar forma adequada aos princípios corresponde a estabelecer a ordem entre o mundo subjectivo e o objectivo; caminhar no aperfeiçoamento dessa forma é progredir; o progresso exprime a realização da ordem. Na política a ordem consiste na plena harmonia entre os deveres recíprocos e direitos dos cidadãos; na arte revela-se pela expressão adequada do belo. Harmonizar os deveres e direitos, em política, é progredir; o progresso na arte é o aperfeiçoamento da expressão. Na arte, como na política, e em qualquer ciência, os princípios supremos são dados pela razão. Investigar esses princípios, determinar o seu valor, analisar as suas aplicações—eis o fim da filosofia. A filosofia é, portanto, a ciência

dominante; não há especulação da inteligência a que ela não presida. Por-isso, a filosofia deve ser uma energia; deve ter por esforço e por efeito o melhoramento do homem... O direito, a política, a poesia, a história, tudo é objecto do pensamento, estuda-se e desenvolve-se à luz da filosofia. O verdadeiro progresso será a perfeita exteriorização dos princípios investigados, aferidos e determinados pela filosofia séria, despreocupada de quaisquer preconceitos, austera e grave...

//

O progresso é a grande Lei

da Humanidade. Tudo deve convergir para elle. São dois os seus requisitos:—uma verdade comum, que sirva de base ao espirito em suas investigações ultteriores, e uma regra por meio da qual se possa apreciar o valor das percepções inovadoras.

Assim, qual é o fim do progresso? E' o reinado da razão na terra, e, por consequência, o bem-estar universal. Deus não criou ente algum para sofrer. E' impio quem o pretende. Deu a todos meios de atingirem o seu fim e de serem felizes. O sofrimento, a miséria, a ignorância, o mal moral

e o mal físico são obras dos homens, que, abusando da sua liberdade, têm procurado o bem onde elle não existe, nos gozos dos sentidos e não na razão. A luz da inteligência deve tudo restabelecer.

O progresso da Humanidade abraça o bem-estar material; mas a medida em que esse bem-estar pode ser licito, depende do grau de desenvolvimento moral de cada geração, e até de cada individuo.

O progresso é providencial; mas exige também a acção individual e a acção comum dos homens.

Da missão natural do homem

(Continuação da página seis)

cular, tem uma flagrante actualidade. Os traços, duma simplicidade quasi pueril, em que nos dá a lei natural, são a condição de existência do homem, afastado da Natureza por tantos artificios, esquecido da sua missão natural de humana e naturalmente saldar o que natural e humanamente deve em todas as manifestações da sua actividade no decorrer da sua vida.

A Ciência, na sua infatigável demanda da verdade, tem tido ao seu serviço vultros eminentes que procuram integrar o homem na missão inerente à sua condição, vestindo-o da nobreza, que elle abandona, dignificadora da sua espécie, aproximando-o da Natureza e iluminando-lhe o caminho por ella indicado. Os modernos métodos e processos pedagógicos, produto de aturadas investigações, encontram o seu mais sólido fundamento na aproximação da Natureza, no metódico à-vontade em que a ciência da educação faz prodígios.

Como ramo de saber de responsabilidade máxima, a Pedagogia procura interpretar a natureza humana à luz das leis da Natureza-mãe, a que submete a formação mental e o desenvolvimento físico, preparando os individuos para o exercicio da sua função humana e social como seres conscientes. Não vê, porém, campo livre. São os juizes dos destinos dos povos, os pedagogistas, mas as suas leis estão longe de terem força executiva. Só numa ou noutra parte do globo ellas conseguem ser observado código da verdade. Um illimitado numero de

obstáculos. Voz clamando no deserto, vaga repercutindo-se aqui e além, mas extinguindo-se finalmente, no espaço da indifferença, quando não tida como mensageira da profanação do erro sagrado por predomínio tabú.

Na dependência de poderes que decidem da applicação prática das leis dos cientistas, os progressos da educação e da cultura operam-se com penosas dificuldades e não raro vemos os esforços dos obreiros da luz metamorfoseadas em comédia ou abitradas, como caco inútil, ao monturo do desprezo. E' a actuação contraditória e aqui é onde ella se torna mais grave. Esquecendo os seus mais sagrados deveres, o homem tem um unico recunso—lembrar-se da Natureza e dos poderes divinos para lhes imputar a responsabilidade de todas as desgraças de que só elle é autor. Assim se abaíam, ao passo que se defendem, os architectados fundamentos dos poderes divinos. A elles se atribui uma lei de compensação da latitude do espaço e do tempo e de efeitos irredimíveis por todas as penitências.

Se actua contraditóriamente em relacção à Natureza e ao que a si deve como expressão de realização de si próprio; se se habitua a instituir como lei natural um querer sem limite no direito alheio, o homem destrói poderes naturais e divinos, submetendo-os inteiramente às suas ambições e caprichos, proclamando lei única. Forma o seu eu moral e psíquico na latitude do dominio, que vai até à invasão das fronteiras do na-

tural dominio alheio. A virtude humana e social cede inteiramente ao deus Eu.

O ambiente formado perdura no tempo e no espaço—o homem acompanha-o na actuação desde o berço à cova. Uma soma de circunstâncias o pode formar bom ou mau, segundo o predomínio de condições. Quando estas o formam bom, o homem sente-se feliz na consciência de o ser e imensamente infeliz por não o poder afirmar na medida dos seus secretos desejos. Vê diante de si barreiras impenetráveis, obstáculos indestrutíveis, circumstancias invencíveis, problemas insolúveis. São fantasmas gigantescos, visões horríveis duma vida de devaneio feliz chorando a infelicidade...

Segundo abundante sabença, espalhada por toneladas de papel o conformismo com a deformidade social devida à actuação do homem fora e contra as leis naturais, deve acatar-se como unica expressão de beleza humana. Destrói-se Deus com a preocupação de o afirmar e nega-se a Natureza com a ambição de a dominar. Um Deus diferente, uma Natureza ao capricho do homem.

Assim se explicaria o nosso predestino desde a deformação congénita, todas as doenças e fatalidades ao analfabetismo e a diferente acção e beneficio da luz, do ar e da alimentação.

O homem abandona o mais sagrado de todos os princípios: considerar-se um ser obrigado, pela sua condição e segundo esta, a dignificar-se perante a Natureza.